

PLURALIZANDO VOZES

Ao que parece, nem todas as vozes tem o mesmo lugar nos discursos educacionais brasileiros. Ao observarmos tanto os currículos quanto as teorias pedagógicas, encontramos uma pequena variação dentro do variado espectro que poderia ser utilizado na prática educativa. As vozes africanas e afro-brasileiras, não obstante serem fundamentais para a cultura brasileira, são pouco presentes.

Neste número, a RESAFE traz um dossier intitulado “Pensamento africano e afro-brasileiro e educação”, que busca intersecções entre a filosofia africana e a educação, seja através de uma afro-filosofia da educação, ou das contribuições da filosofia africana e afro-brasileira para o ensino da filosofia.

Uma das perspectivas principais deste dossier é a *filosofia da ancestralidade*, resgatada e estruturada no discurso pedagógico brasileiro pelo professor Eduardo David de Oliveira. Esta tem sido uma das principais vertentes de discussão sobre a filosofia africana e afro-brasileira no Brasil nos últimos anos, motivo pelo qual ela aparece aqui com um lugar de destaque.

O cenário das tentativas de implementação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (que, entre outras coisas, determina o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira nos currículos da Educação Básica no Brasil) aparece como um espaço profícuo para a consolidação das discussões que possam trazer outros lugares para os discursos educacionais orientados pelas perspectivas africanas e afro-brasileiras.

E, neste contexto, o dossier procura apresentar algumas perspectivas que, ao mesmo tempo em que apresenta a problemática do estudo das filosofias africanas e, também, de uma filosofia da educação de afrodescendente, busque ampliar o conjunto de vozes que estruturam os diálogos que pretendemos estabelecer no contexto educacional, politizando a discussão sobre que perspectivas utilizamos tanto na filosofia da educação quanto no ensino de filosofia.

O texto que abre o dossier é de Adilbênia Freire Machado, apresentando um panorama da filosofia africana contemporânea, em sua relação com as facetas tradicionais do pensamento africano e buscando uma ponte com os discursos NAMBÁ, Nkosi. Pluralizando vozes (Editorial). **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out./2012, p. 1-3.

educacionais através do currículo. O texto de Eduardo David de Oliveira nos apresenta a filosofia da ancestralidade que, ao se conectar com diversas matrizes que estão em torno do pensamento afro-brasileiro, oferece uma interessante possibilidade de diálogo com a educação, desde a perspectiva de uma filosofia africana. O artigo de Luis Carlos Santos discute, desde a perspectiva da filosofia da ancestralidade o problema da liberdade, contornando o que poderia haver de nocivo tanto no relativismo exacerbado, como na totalidade universalista arbitrária.

O ensaio de Renato Nogueira busca, através do conceito de "denegrir", pensar em uma possibilidade de uma educação antirracista, a partir de uma perspectiva afrocentrada na base daquilo que ele chama de pedagogia da pluriversalidade. O artigo de wanderson flor do nascimento busca problematizar a base curricular do ensino de filosofia, que em suas recentes elaborações, abrem mão de discutir o pensamento africano e afro-brasileiro, mesmo quando isso é determinado pela própria LDB, nos legando um currículo potencialmente e potentemente colonial e busca pensar alguns espaços para a introdução dessas vozes alheadas no ensino de filosofia.

O dossier traz ainda duas resenhas. A primeira, elaborada por Flávia Damião sobre o livro *Filosofia da Ancestralidade*, de Eduardo David de Oliveira e a segunda escrita por Rodrigo dos Santos do livro *O ensino de Filosofia e a Lei 10.639* de Renato Nogueira. Ambos apresentam-se como uma discussão das ideias e convites para a leitura das obras resenhadas.

Além dos textos do dossier, o número 18 da RESAFE traz ainda outras vozes e discussões que privilegiam as interfaces entre a filosofia e a educação. O artigo de Cezar Seibt discute desde a fenomenologia hermenêutica as relações entre conhecimento, finitude e educação, buscando uma atitude aberta e atenciosa para a compreensão do que se passa na cotidianidade, sobretudo, a educacional. O artigo de Dagmar Silva e Silmara Marton parte da noção de experiência do pensamento como experiência sensível para problematizar o contexto da autoformação na experiência de filosofia com crianças.

O texto de José Claudio Matos e Thais Ali discute algumas relações entre o discurso literário e o filosófico a partir das obras de John Dewey e George Orwell

em torno das noções de pensamento reflexivo e comunicação e suas projeções no contexto educativo. O ensaio de Laura Pizzi e Walter Lima busca algumas contribuições do pensamento foucaultiano para as pesquisas sobre o currículo a partir da perspectiva da constituição das identidades.

Já o artigo de Leonardo Corella discute as contribuições de Michel Foucault e Jacques Rancière para pensar os modos de subjetivação em educação, pensando a explicação como uma técnica de si. O texto de S. Leticia Molina, parte da pergunta "Valoramos porque existem valores ou existem valores porque valoramos?" para discutir, a partir da perspectiva de Salazar Bondy, a problemática da educação em valores.

A origem dos escritos pedagógicos de Jacques Maritain é a questão abordada por Névio de Campos em seu artigo, na busca de uma história da filosofia da educação deste autor, sobretudo a partir da leitura da obra *Rumos da Educação*. Na busca de contribuições da hermenêutica para a reflexão filosófica na escola, o texto de Robson Silva enfatiza a necessidade de fazer com que estudantes tornem-se conscientes de seus pré-conhecimentos, de modo crítico, para a abertura da compreensão.

Por sua vez, o artigo de Rodrigo Souza parte da noção de Rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari para problematizar a filosofia da educação e a questão da transdisciplinaridade. Por fim, o relato de experiência de Rosana Fernandes e Fabrícia Borges traz a reflexão de um conjunto de atividades com crianças no ensino fundamental, a partir da novela *Pimpa* de Matthew Lipman em uma articulação com eventos políticos ocorridos em Brasília em 1998, para colocar a intrigante questão "O que podem as crianças?".

Esperamos que esse conjunto diverso de reflexões contribua para a importante e difícil tarefa de pluralizar, em sua radicalidade, as diferentes vozes que poderiam - e podem - participar dos diálogos que buscam interligações e encontros entre a filosofia e a educação.

Nkosi Nambá